



ENTREVISTAS | RESENHAS | LIVROS | DISCOS | COLUNAS
LITERATURA | CINEMA | DESENHO | FILOSOFIA | MÚSICA | CRÔNICA

Sumário

ENTREVISTAS

Paes | Bárbara Eugênia | Emerson Sarmiento | Kiko Dinucci

CAPA

Daniel Liberalino | Phillip Long | Ana Ghandra | Júlio Ferraz
Jean Nicholas | Marcelo Perdido | Matheus Mota

RESENHAS DISCOS

Luiza Brina | Passo Torto | D Mingus | Siba | Aspen

RELEASE BANDAS

Os Invalvuláveis

BLOGARIA & OUTROS

Música | Literatura

RESENHAS LIVROS

Bernardo Souto | Wellington de Melo | Sidney Rocha
Cida Pedrosa | Raimundo Moraes

COLUNAS

Literatura | Cinema | Desenho | Filosofia | Crônica | Música

PREZADO RENNÓ,

Team.Radio

pq?

e-zine pq? ed. fev. 2012

Edição e Revisão

Júlio Rennó

Design e Diagramação

Amélie Marie

Arte de Capa

Picasso: Guitars 1912-1914/
MoMA, Nova York

Contato

outros criticos@hotmail.com

Agradecimentos

Thiago Pininga, Cristhiano Aguiar, Daniel Liberalino, Domingos, Laura Wrona, Marina Silva, Os Invalvuláveis, Team.Radio, Paes, Bárbara Eugênia, Emerson Sarmiento, Kiko Dinucci, Phillip Long, Ana Ghandra, Júlio Ferraz, Jean Nicholas, Marcelo Perdido e Matheus Mota.

*O blog Outros Críticos é um projeto de
Carlos Gomes e Fernanda Maia.
No ar desde 2008.*

Colunistas

CINEMA



Marina Silva

Estudante de Cinema (UFPE), cantautora no projeto Dolorez e musicista da banda Team.Radio.

DESENHO



Daniel Liberalino

Desenhista, ilustrador, escritor e compositor. Lançou na internet o livro *Corpúsculo num plano – e como adquirir imunidade à varíola* (2010). Mestre em Filosofia pela UNICAMP.

LITERATURA



Cristhiano Aguiar

Mestre em Teoria da literatura pelo da UFPE. Doutorando em literatura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Escritor, crítico literário, professor e editor. Colabora com o suplemento literário Pernambuco e com a Revista Continente (PE).

MÚSICA



Laura Wrona

Cantautora, fotógrafa, desenhista e artista plástica. Faz parte do trio Aspen, que em 2008 lançou um EP.

FILOSOFIA



Domingos Sávio

Professor de Filosofia formado pela UNICAP. Participou da banda Monodecks. Lançou os álbuns *Filmes e Quadrinhos* (2010) e *Canções do quatro de trás* (2012) sob a assinatura D MinGus. Como músico, além de cantar-compor, toca guitarra e flauta.

CRÔNICA



Júlio Rennó

Coautor do blog Outros Críticos, é o heterônimo responsável pelas entrevistas e edição do e-zine *pq?* e da coletânea musical *Bootleg*. Rennó foi criado por Carlos Gomes, um dileitante em música, poesia, ficções e letras.

PAES



Paulo Paes tem rodado os palcos por trás de várias máscaras bandas. Nada melhor do que isso para amadurecer a sua música. Amanhã, estará no Café Portenho, em Recife, dando corda às canções sambas experimentos, guitarras em equilíbrio com a voz, enfim, uma música que se quer cada vez mais sua, singular. Eis a boa conversa.

Postado em 2 de novembro de 2011.

ENTREVISTA

Sob o nome Paes, qual formação irá acompanhá-lo na apresentação do Café Portenho? Tem sido fácil conseguir shows sob essa alcunha?

A formação atual é composta por músicos de diferentes gerações e bandas do Estado, mas que antes de tudo são amigos que se doam para a proposta como eu. São eles, Iezu Kaeru (Embuás/Poruu/Ana Ghandra) na bateria, Bactéria (Otto/Lirinha/Los Sebosos Postizos) no teclado, Rafael Gadelha (Joseph Tourton/Jr Black/Protótipo Dub) no baixo, Kuka (Embuás/Ana Ghandra) no trompete e o mais novo integrante do conjunto, Marcelo Campello (Embuás/Poruu) também no trompete. Já passei por várias fases e compartilhei experiências com diver-

sas formações, em turnês pelo sudeste e Argentina e discos. Essa alcunha de Paes pode vir a representar uma síntese de seis anos de criação. Independente do tempo que eu conseguir segurar esta formação, temos nela uma versatilidade, mas tento sempre combinar nossa agenda com as das outras bandas para tocar com o time completo.

Esse ano voltei a tocar mais em Recife. Aos poucos fui percebendo que tinha de ir onde o público está, ou pelo menos ir a lugares onde as pessoas podem se interessar por algo diferente da cultura local delas. E o mercado gira de forma distinta, onde as pessoas pagam para assistir a um show, mesmo que a banda não seja tão conhecida. Me parece que a relação do

Senti no canto a precisão, a palavra posta na altura da fala. Sem exageros, sem rompantes de rockstar.
Clarice Flor, Suplemento Palavra

público com os artistas locais vem mudando. Os músicos e técnicos de áudio estão se profissionalizando cada vez mais e utilizando ferramentas de divulgação mais acessíveis e de longo alcance. Além disso, estão surgindo mais coletivos de produção fonográfica e audiovisual, gerando mais festivais de bandas que não estão no mainstream, mas que possuem um bom potencial de criação.

A questão da manutenção dos gêneros musicais parece já ultrapassada. Já que a fusão de ritmos e sonoridades se consolidou há muito tempo na música brasileira. Não como músico, mas como ouvinte: o seu gosto musical sempre foi orientado por esse prisma?

Acredito que há uma liberdade muito grande na criação. Como já passamos por vários momentos na música, as possibilidades são infinitas. Gosto sempre de ouvir bandas ou artis-

“Talvez não seja a ideia da fusão dos gêneros que esteja ultrapassada, mas sim a relevância artística (...)”

tas novos que me tragam algo renovado também. Se for unir tradição, como o samba, ao rock, ska ou surf music, que faça de maneira inventiva, original. Talvez não seja a ideia da fusão dos gêneros que esteja ultrapassada, mas sim a relevância artística, ou na verdade, o que está sendo passado na música, seja ela instrumental ou cantada. Há também os discos de artistas que atuavam em outra época, os da chamada vanguarda, especialmente nas décadas de 60 e 70, como Jards Macalé, Moacir Santos, ou exemplos mais próximos como Lula Côrtes e Ave Sangria, que já uniam com grande maestria ritmos roots com o rock, jazz, blues e psicodelia, dos quais escuto bastante.

A primeira impressão sobre a sua música é a de que você foi pelo caminho de reinventar as tradições mais caras à canção brasileira, como o samba. É isso?

A composição de minhas canções surge sempre de maneira muito intuitiva. Geralmente pela melodia. Não foi uma questão de escolha sabe. Acredito que faço música brasileira, porque moro aqui, vivo aqui, imerso na musicalidade da minha cidade, mas ao mesmo tempo conheço outros lugares, toco com músicos de outras partes do mundo e de outros estados do Brasil e, além disso, escuto coisas de fora também. Atualmente muito Alice Coltrane, John Coltrane, The Budos Band, revisitando Beck, que é uma das minhas maiores referências musicais. O cinema, a fotografia e a poesia que há no olhar, através das películas que temos em nossas mentes, observando o cotidiano, as pessoas, os bichos, o crescimento urbano, as relações das pessoas com o material e imaterial, com as crenças, ideais e os conflitos da sociedade ou o meio

em que estou inserido, também me influenciam. Minha música é um reflexo da minha vida e do meu tempo. Do que sinto ao lidar com meus próprios conflitos e ideais.

Ritmo ou melodia? O que orienta o ponta pé nos arranjos de banda de Paes?

Acredito que a melodia nos guia. A música que fazemos é cheia de lirismo nas letras. Então existe uma evidência na mensagem passada pela voz, mas ao mesmo tempo os arranjos são construídos através da interpretação de cada músico ali presente nos ensaios, suas influências, suas experiências. Me sinto em casa, com meus amigos, fazendo o que amo. Esse sentimento é transmitido quando tocamos juntos. Os ritmos vão surgindo a partir da pegada da guitarra, muitas ve-

Muito bom quando vejo que as referências ao samba saem dos lugares comuns: Viva Macalé!

Alberto Infante, Diário Austral

zes, no embrião da canção, mas pode sofrer alterações ou contribuições criando-se novas dinâmicas, amadurecendo as ideias.

**Canções novas, álbum, turnê, silêncio.
O que está por vir?**

Este ano realizei três viagens com a banda, por São Paulo, Rio de Janeiro e Garanhuns, entre essas “tours” fiz shows esporádicos em Recife e nos intervalos venho gravando um novo EP (Intitulado *Paes*), co-produzido, gravado e mixado por Diogo Guedes (A Banda de Joseph Tourton), que será masterizado por Steven Berson, já com a formação nova, que contém três músicas relativamente novas, apesar de já tocá-las nos shows a 1 ano e meio. No fim do ano me dedico a

uma série de apresentações na minha cidade e na finalização destas faixas. Devemos lançar “Paes” em formato virtual e físico ainda em dezembro.

Me dedico também a trabalhos de outras bandas e artistas como Embuás e Ana Ghandra e um coletivo audiovisual chamado Cabeza de Guru. Em dezembro gravaremos um programa audiovisual chamado “Dos Quintais”, através de um projeto que escrevi, contemplado no edital de fomentação da Faculdade Aeso Barros Melo, onde estudo Produção Fonográfica. É baseado no “From the Basement”, algo parecido com o “Observa e Toca”, gravado aqui em Recife. •

Avanguarda dos anos 00 pergunta: qual é a onda?
Albert Chevalier, Le monde Decadence.

BÁRBARA EUGÊNIA



Foto de André Batista modificada por Cécile Duchamp

Bárbara Eugênia saúda o país das cantoras – um velho chavão de uns velhos jornalistas – com um álbum ultra-autoral. São canções suas, são canções de outrem tomadas como suas. Sangue, graça, amor e ruído cabem na voz de Bárbara, nos arranjos, são todas palavras sinônimas. As letras e os sons que permeiam o álbum. Abaixo uma conversa pequena sobre como a canção pode ser e querer a simplicidade. Sem pompas, sem fogos de artifício queimando no inimaginável bolo de parabéns de todos os dias. Artista, não ex isto, és outro.

Postado em 18 de setembro de 2011.

ENTREVISTA

Em suas composições, qual a distância que há entre a primeira música que não se mostra a ninguém e o álbum que você lançou em 2010? O que aconteceu entre essas duas pontas de música?

Não tem distância não... No disco tem música que escrevi em 99, 2000. Algumas das primeiras músicas que fiz na vida estão no disco. Nesses 10 anos, comecei a cantar no Rio, parei, fiquei anos sem mexer num violão e finalmente em SP, me encontrei e tudo se encaminhou. O disco conta histórias de todo esse tempo que passou entre começar e começar de verdade.

Apesar de estar rodeada de amigos durante a concepção do disco *Journal*

de BAD; houve algum momento de incerteza ou insegurança, seja sobre a recepção do público, da crítica, ou a aspectos mais objetivos como a finalização, produção e lançamento do disco?

Nunca fiquei pensando nisso... Fizemos o disco com amor, curtindo o que estávamos fazendo e imprimindo nossa cara ao trabalho. Quando digo nossa, falo de mim, Junior Boca e Dustan Gallas (produtores do disco e integrantes da banda). Botamos na cabeça que iríamos conseguir fazer tudo sozinhos, juntei uma grana, trabalhamos duro e deu tudo certo.

“Diário íntimo das histórias alheias” – Clarice Flor. Qual a percepção que você tem da recepção do público em relação às

Mais uma descoberta pequena. Essencial, singular.
Alberto Infante, *Diário Austral*

suas letras? Já ouviu algo como: isso já aconteceu comigo.

Já isso é muito bacana. Normalmente são mulheres que vêm falar, mas são histórias que acontecem com todo mundo, uma hora ou outra, é a vida. Fico bem feliz quando alguém se identifica e de alguma forma isso conforta. Minha relação com música é bastante assim... Os músicos/artistas que “falam” comigo são aqueles do coração... É tão bom se sentir compreendida, esse é o grande poder da música.

Quais as referências – à sua maneira de compor ou de cantar – que foram se incorporando em seu trabalho ao passo que o álbum se construía? Ou seja, as bandas, músicos, discos ou estilos que serviram de influência, mas de uma forma inusitada ou inesperada.

Minhas influências são na maioria da música feita dos anos 50 aos 70, seja rock, a tropicália, boleros, folk... Enquanto gravava o disco tava ouvindo muito Cidadão Instigado, Connie Francis e Leonard Cohen, mas não sei até que ponto e de que forma isso influenciou no processo todo.

Primeiras músicas, álbum, shows, entrevistas, barcas furadas, encontros, desencontros etc. Depois de passar por essas pequenas conquistas do dia a dia, já pode adiantar o que estará por vir de seu trabalho?

Muito trabalho, espero. Quero mostrar o *Journal de BAD* em vários lugares, cidades. Não tive chance disso ainda... Mas já tô com 10 músicas para o próximo disco. O tema básico continua sendo o amor, mas como a vida vai seguindo e mudando, novas histórias vêm por aí... •

Os anos 50 estão de saco cheio dos anos 70.
Os anos 00 ainda não foram inventados.
Marcel Ginsber-war, News Days Poems

CAPA

A partir dos versos da canção Tigresa, de Caetano, propusemos que os músicos escrevessem sobre sua relação com o principal instrumento de sua música. Como começaram a tocar, as referências etc.

Sete músicos da novíssima geração aceitaram a ideia.

Daniel Liberalino grava experimentos no Varzea Sleep, Phillip Long traduz no aço e em sua voz a revisita à canção folk americana, Ana Ghandra mantém nas cordas de aço o tom melancólico e potente de sua voz, Júlio Ferraz é o rock de um sertão cosmopolita, Jean Nicholas refaz o percurso dos brados trovadores com uma chama permanentemente acesa na psicodelia, geração beat e no udigrudi recifense, Marcelo Perdido participa da banda Hidrocor experimentando a música estranha brasileira em acordes, letras e arranjos, e Matheus Mota, carregando pianos, sai de todos os lugares comuns.



Cécile Duchamp

“ E eu corri pro violão, num lamento,
e a manhã nasceu azul
Como é bom poder tocar um instrumento
Caetano Veloso

DANIEL LIBERALINO

Me aproximei dos instrumentos de corda após ver um sujeito tocando guitarra no colégio, no show de uma banda cujo nome não lembro. Devia ser uma bosta, mas percebi que era uma forma dementemente fácil de exercer poder sobre multidões, o que apelava aos meus interesses napoleônicos meia-boca. Bastava tocar uns três acordes várias vezes; era ridículo. Se Júlio César soubesse que havia esse jeito, não teria se esforçado tanto.

Comecei a tocar violão, e após algumas mixtapes pré-adolescentes embaraçosas, compilando merdas tipo Offspring, e depois Nirvana, Smiths, Radiohead etc., gravei umas coisas no Gravador do Windows e descobri que era um “compositor”. Enfim, que me expressava com naturalidade nesse idioma, embora não me entendesse como alguém talentoso, dado meu onipotente complexo de inferioridade.

Por volta dos 18 comecei a me interessar pelas possibilidades musicais dos laptops – a liberdade de timbres e a “inumanidade” característica da composição eletrônica, que captura mais facilmente estados de aridez solipsista e, mais tarde, póstuma, o que, nos instrumentos orgânicos, como o violão, só se consegue via microtonalidade, atonalidade ou, enfim, dissensões em relação às estruturas músico-teóricas ou mercadologicamente familiares, se é que há uma clara distinção entre os referidos aspectos, se me permitem soar quineano numa manhã de nuvens carregadas.

Ouvir música costuma me entediar, hoje, ou ainda mais frequentemente irritar, o que atribuo aos tempos e suas consequências naturais, mas ainda me entusiasma compor no laptop e no violão, e falar mal de músicos.



PHILLIP LONG

A close-up photograph of Phillip Long, a man with dark, curly hair and a beard, wearing a grey and white plaid shirt. He is looking down intently at his acoustic guitar, which has a dark wood finish and a black pickguard. The background is dark and out of focus, suggesting an indoor setting with some ambient lighting.

Meu primeiro contato com um violão de aço foi aos 17 anos de idade. Demorou para que acontecesse, mas foi transformador.

As cordas de aço te oferecem um outro tipo de experiência, eu não faço uso de palhetas, gosto do contato direto entre as pontas dos dedos e as cordas, sem um objeto que impeça a troca de fluidos entre a alma do homem e a alma do instrumento, e isso fica ainda mais explícito quando se é aplicado em um instrumento com cordas de aço. Há uma certa resistência. É preciso domar a fera, um verdadeiro estado selvagem! Desde então, me sinto um caçador desse tipo de sensação, da batalha entre os dedos e as cordas. Perco na maioria das vezes, é verdade, as cordas são mais selvagens do que eu. Mas também é verdade que em algumas noites elas parecem me tratar melhor, me deixam tocá-las como eu quero e se ajeitam de um jeito que tudo fique mais fácil. Tem sido uma boa luta, desde então!

ANA GHANDRA



Foto: Marcelo Lyra

Me lembro bem quando, em julho de 1999, eu arriscava os primeiros acordes de “S.O.S de Raulzito”, e o som que o violão produziu evocou a canção que eu sempre escutara para muito além dos meus ouvidos... Era como se eu estivesse me iniciando na alquimia, eu comecei a produzir feitiços... Música pra mim sempre foi entidade e

meu violão é minha caixa de Pandora benigna... Ele contém todas as canções... As que toquei, as que toco, as que tocarei... E principalmente as que nunca irei tocar... Não foi à toa que Chico (Buarque) já dizia “Meu melhor amigo é meu violão” e Jim Morrison também fez sua oração: “Music is my only friend until the end”. Eu sinto o mesmo.

JÚLIO FERRAZ



O meu principal instrumento é o violão, comecei a tocar ainda quando criança junto a familiares em típicas tardes de beira de calçada em Floresta, no interior de Pernambuco. As minhas referências vão do chão que pisei no primeiro momento em que tive contato ao tal Gianini Trovador de cordas de aço, até a música do mundo, a música cantada em beiras de calçada por todos os senhores, senhoras, adultos e crianças de onde cresci.

Comecei a tocar violão pela necessidade de musicar as letras que eu escrevia. Eu já compunha riffs, mas como não sabia tocar nenhum instrumento, ficava só cantando e lesna minha cabeça: tantantanranrantan... Depois juntei dinheiro e comprei uma guitarra. Quando passei a dar mais atenção às letras, me enchi de todo o barulho que cobria elas. Me afundei em Dylan, voltei pro violão. Recentemente comecei a sentir falta do barulho. As músicas novas estão mais festeiras e dançantes, mas sem sorrisos forçados ou coreografias que causem vergonha alheia. Sou, assim como Fausto Fawcett, um pessimista festivo. É bem aquilo que o Jim Morrison falava: "I'm gonna get my kicks before the whole shithouse goes up in flames..."



JEAN NICHOLAS

A man with short brown hair and a beard is shown in profile, playing an acoustic guitar. He is wearing a dark t-shirt. The background features a window with a grid pattern, through which some green plants in pots are visible. The lighting is warm and indoor.

“Eu toco bateria, todos os dias, dentro da minha cabeça. E sei sons de guitarra, quando minha mão esbarra em cordas invisíveis no ar: isso se chama air guitar. E eu queria ter uma banda... Pra te tocar.”

MARCELO PERDIDO

MATHEUS MOTA



Meu instrumento é, por assim dizer, o piano – embora eu seja um mero iniciante tardio. Não exatamente ele, mas instrumentos de teclas. Comecei a me interessar lá por 94 ou 95, com meus 7-8 anos. Em casa ouvíamos de tudo e eu já era ligado no som. Na TV, era moda os famosos “teclados com alça”, o que me brilhavam os olhos e eu gostava de chamar de “piano de bucho” (tamanha a breguice que era, mas eram outros tempos). Até que em 96 me deram um teclado casio – um modelo comum pra crianças na época, o famoso 100 beat bank 100 tone bank. Com 1 ou 2 anos eu já estava procurando pianos, improvisando de ouvido, tirando o que ouvia em casa, na TV. Cheguei a arriscar outros instrumentos, sem sucesso.

Até que lá pra 2005 alguém me disse: “você é canhoto, experimenta inverter as cordas” – e consegui tocar finalmente violão, baixo, guitarra com uma certa dificuldade. Não tinha nenhum propósito, eu não sabia o que era ser músico, talvez até hoje continue sem saber. Comprei meu primeiro piano no início de 2011, sem a menor condição, mas com o meu suado próprio dinheiro. E continuo querendo estudar, brincar e compor.

RESENHA

DISCOS

Sopros anunciam a chegada dessa talentosíssima cantora, logo na abertura do disco, contagiante, convidando à dança, ao silêncio que é música, que nos lança fundo na tradição da canção e diz outra coisa. Será poesia?

A toada vem é pelo vento (2011) ratifica as canções que só os palcos e suas plateias tinham tomado contato. Canções soltas pelas páginas da vida, como vento errante, canção errática; agora, na caprichada edição de uma turma que conta com compositores como Luis Gabriel Lopes, do experimental Graveola e o Lixo Polofônico, de Minas Gerais. O álbum anuncia que nos Gerais tem mar, bahia, samba, requebro, dança, ventania.

A voz e o violão de Luiza Brina são outras anúncias, doces, rebeldes, com sutis balanços. “Somos Só” e “Catamarã” compreendem pouco mais de cinco minutos do que chamo vida. Ouçam e me cobrem na rua a despeito de exageros. Não vão se arrepender pela descoberta dessa brisa chamada canção. •



A TOADA VEM É PELO VENTO

Luiza Brina
2011



PASSO TORTO

Rômulo Fróes, Kiko Dinucci, Rodrigo Campos e Marcelo Cabral
2011

Permeada pelos sons urbanos que Fróes, Dinucci, Campos e Cabral traduzem em melodias, contrapontos, vozes, ruídos, letras quando poemas, poemas quando letras, palavra irmã do ritmo, que é a voz, que é o dedilhado impreciso de sambas desfigurados; o álbum

homônimo do *Passo Torto* (2011) na velocidade da música ainda pede atenção.

A dança dos corpos que se movem pelas cidades abre o disco, “a rua deserta/ calçada manchada (...) seu corpo aberto/ a pele marcada” e segue no papo confuso que invade a narrativa das canções “da vila guilherme até

o imirim” e “faria lima pra cá”, nelas, as personagens, assentadas num cenário, recorrem ao medo, à dúvida, à urgência dos acontecimentos. A trivialidade do dia a dia, “tão querendo me tirar/ da habitação/ atrasei o aluguel/ mas deus do céu/ aluguel multiplicou/ vou trabalhar” contrasta com a palavra solta no ar, na página do tempo, reclamando aos fatos, aos homens, o seu status real: “desemprego/ desespero (...)/ cidadão”.

E dá o mote à música seguinte, “cidadão”, letra de Rodrigo Campos e música de Romulo Fróes, síntese do álbum. Nela, os versos “passo torto” justificam e dão título ao grupo “esquizofrênico (...) / ouvindo vozes na cabeça, ouvindo dylan/ vendo rock in roll passar (...) / ouvindo um samba na cachola, ouvindo um rap (...) / estudando um passo torto, um samba (...) / um rock pra se orientar”.

Na música seguinte, o cidadão ganha nome, “samuel”, minúsculo, como são minúsculas todas as letras das músicas, transcritas no encarte do álbum. Combinação perfeita entre a conversa dos instrumentos e das personagens. Já o amor às mulheres – musas – e à música, surgem nas canções “por causa dela”, “três canções segunda-feira” e “sem título sem amor”. Amor e desamor. Canções da nova guarda paulista. •



CANÇÕES DO QUARTO DE TRÁS

D Mingus
2011

O quarto de trás resiste ao tempo inosso que nos resigna a tantos afazeres distantes dos sonhos de outrora. Denuncia o coração, é isso? D Mingus, pelo contrário, assume o desolar da situação e constrói um espaço reservado para o prazer musical ao lado de bons amigos, experimentos e canções,

muitas delas, sem medo, rediz: “Let it bleed / While my guitar gently weeps”.

Esse tipo de alegria contrita invade todo o álbum, todo o capricho e atenção ao detalhe que só o olhar extremamente afetivo é capaz de perceber. Assim, convida os ouvintes: “Abram alas para o Senhor Melancolia”, “Frevando com o ar / Embalando a própria esperança”, “O mundo é louco – Manicômio aconchegante / Mesmo sem meta / Vale seguir adiante”.

Mas adverte, em outra canção, como são de várias outras o recortes que faço, como também é o modo de construção dos arranjos. Corte, Recorte, Colagem, Fragmento. “Não consigo lhe entender / Estamos eu e você / Em rota de colisão”. Colisão saudável, de quem sabe que a música (a vida) – é ruptura. Fazer, desfazer, refazer.

Canções do quatro de trás (2012) empolga pela extrema perspicácia e riqueza de cada arranjo, seja na parceria certa com a voz de Aninha Martins, conhecida por trabalhos com a banda Sabiá Sensível, que logo me remeteu à parceria entre Jair Naves e Júlia Frate. Vozes opostas que se atraem. Ou na maneira como os sons acústicos encontram pouso certo na voz e versos dissimulados de D Mingus; ele canta, mas exige do ouvinte, dobrada atenção. Ele é esperto.

A confissão em flauta e pássaros da canção “Jardim Suburbano (interlúdio)” prepara o ouvinte para a virada do disco. Talvez da vida, pois confessa do que se trata a sua música, seus percalços, sua condição. Enfim, as canções que teimosamente lhe dão destino à vida, são “Recortes de um álbum etéreo / Pedacos da minha alegria”. Sem mais. •

Lembro de minha surpresa ao ver Siba solando a guitarra num clipe da banda Mestre Ambrósio. A canção era “Coqueiros”, do segundo álbum do grupo, *Fuá na casa de Cabral* (1998). A rabeca, apesar da tradição, só conheci através dele. No entanto, de certa forma, é ainda ela que vejo nos arranjos e sons da guitarra que novamente Siba empunha.

Seu modo de cantar, sua verve poética, a tradição nas métricas e temas das canções. Tudo remete à rabeca, não ao instrumento em si, mas à ideia de reinvenção da tradição que ilumina toda a estética do álbum. O Mestre Ambrósio manteve essa tradição, Siba em *Avante* (2012) mexe com outra tradição, a dos guitarristas. O modo de tocar guitarra, sem usar palheta, como é mais comum entre os guitar heroes, estava em “Coqueiros” e permanece nas rochas do sertão que são as canções “Avante”, “Ariana” e “Canoa Furada”. Bons destaques dessa vertente.

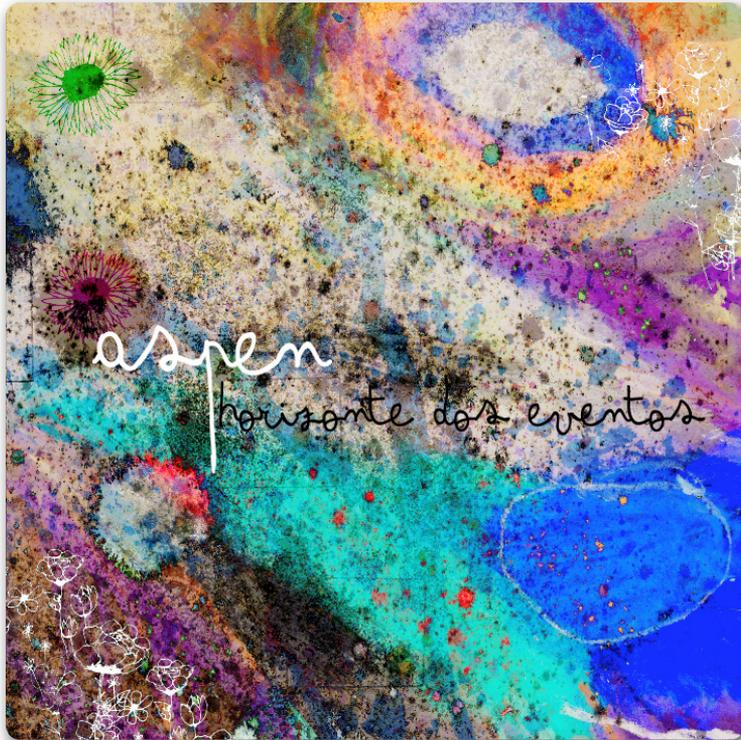
Cirandas, sambas, maracatus, histórias, estórias, dissonâncias, pulsão, barulho. Tudo cabe nas ondas para frente que são essas novas canções arranjadas por Siba. Como parceiro, Fernanda Catatau, não o melhor, mas talvez um dos mais originais guitarristas da música brasileira moderna. Bastou a ele dizer: Vá em frente, amigo. O resto ficou por conta das composições de Siba. Como está cantando bonito. Tudo, na voz, soa límpido e chega aos ouvidos sem tormentas. O barulho da guitarra encontra pouso nas narrativas poéticas que são a voz e o canto de Siba. Novo e velho. •



AVANTE

Siba

2012



HORIZONTE DOS EVENTOS

Aspen
2012

Violões esquentam o frio outrora caudaloso das primeiras canções da banda Aspen, registradas num EP de 2008. Canções regravadas no álbum *Horizonte do Eventos* (2012), a par de novas delas, saídas de uma tenebrosa hibernação – já que o disco foi gravado de 2008

a 2011 pelos músicos Rafael Crespo, Mancha Leonel e Laura Wrona –, condicionam o ouvido à eterna surpresa.

“Quatro Elementos” tem uma das mais belas aberturas de álbum. Instrumental lúdico, de passagem, ecoa em sons da banda Wandula, de Curitiba. Sobretudo quando o acordeon de Laura Wrona toma conta da

canção. Ambas, as bandas, frias e quentes.

“Ave Bela” traz as primeiras palavras do trio, “Ave bela de penas cintilantes/ Seu canto encanta/ Espalha luz e cores/ Suas asas longas se abrem contra o vento/ Dentro da gaiola espera o momento”. E revela o tom sutil de boa parte das letras.

“Jardim Secreto” e “Nuvens Anô-

nimas” são metáforas à solidão, candidatas a reverberarem como singles involuntários.

“Mal Entendido” se aproxima das canções pop mais confessionais, com letra mais direta, “Me perdoe seu eu passar reto por você/ Não foi por querer/ Nem fiz pra te irritar/ Não leve a mal/ Se eu sair fora sem dar tchau”.

Por fim, “Paisagem Íntima” festeja a atenção especial a canção, que permeia todo o álbum, como grito e festa, solos de guitarra encerram a faixa chamando a atenção para um dos grandes discos advindos da pequena e grande São Paulo fria. •

RELEASE

O RISO QUENTE D'OS INVALVULÁVEIS

Por Júlio Rennó

Algumas bandas conquistam ouvintes pela formal beleza, quando o primeiro contato com a música é revelado por acordes límpidos, vozes doces, arranjos rebuscados. Outras pela estranheza, beleza imbuída em máscara, enigma, mistério – quando assim, ruído, dissonância, rouquidão –, e há, ainda, quem conquiste pela insistência. A banda Os Invalvuláveis anda me conquistando pela mistura de ambas as coisas.

Você ri demais, Lygia. Advertia Clarice Lispector, num encontro internacional de escritores. Ninguém leva a sério um escritor que vive sorrindo. E na música, levamos a sério as bandas que gargalham, por via da ironia, os seus versos

e sons quentes de escárnio e deboche? Raul Seixas, Mutantes, Tom Zé, Blitz, Titãs, Ultraje a Rigor, Júpiter Maçã e A caravana do delírio, de uma forma ou de outra, passaram esteticamente pela linha tênue que é a canção – seja mais experimental, ou acentuadamente pop – que flerta com o humor: rock é diversão, sabemos. Às vezes, é muito mais na canção taxada de ‘engraçadinha’ que se dá uma reflexão mais profunda sobre as relações entre arte e sociedade.

É preciso educar o ouvido à ironia, à música que não transmite uma ‘mensagem direta’, mas reflete em seus sons e versos, através de experimentos, uma forma rica e inovadora de criação musical. É isso,

que ainda em início, em processo de maturação, fazem os músicos Duda (guitarra e vocal), Silvio (baixo) e Marcelo (bateria).

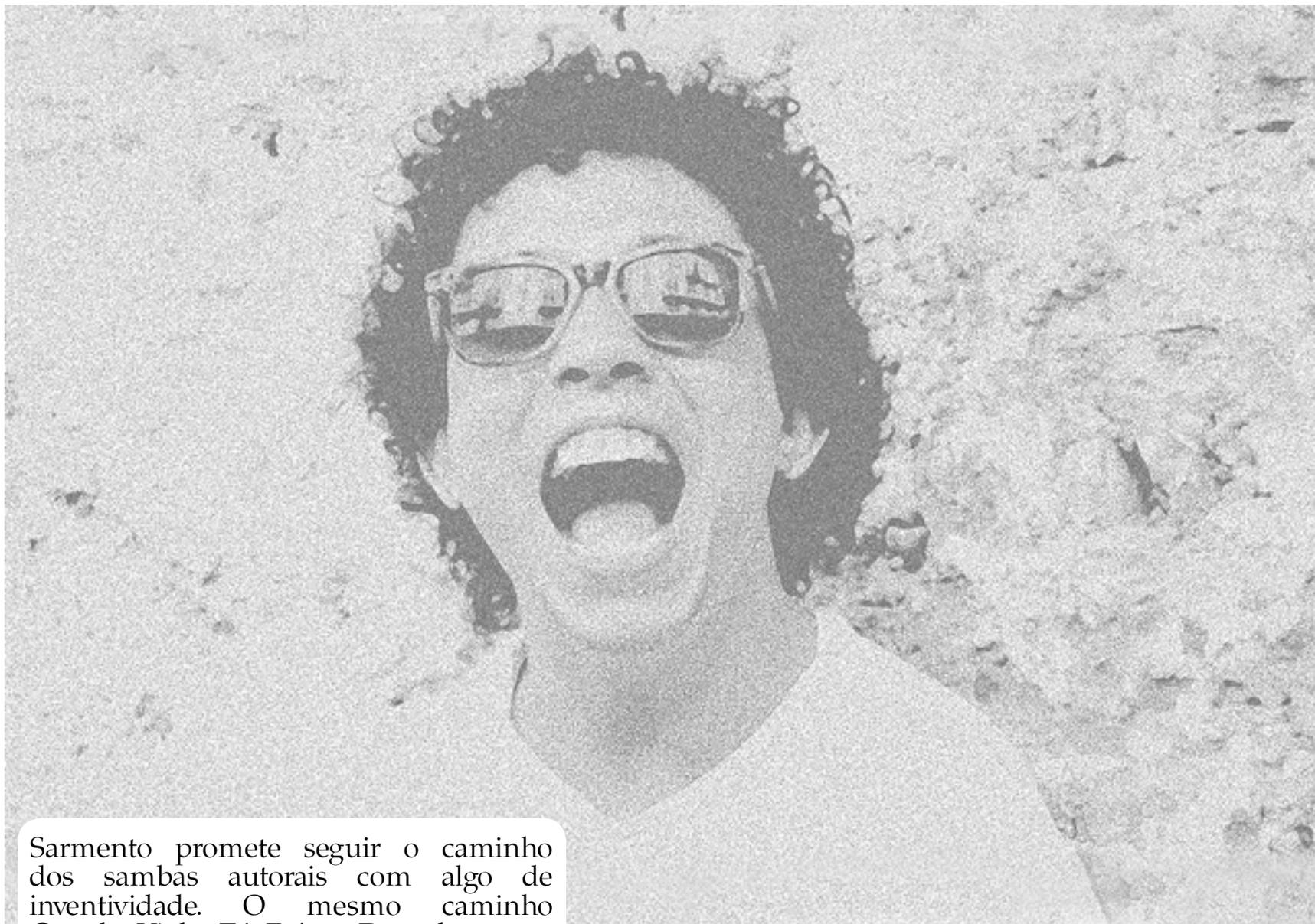
Com dois EPs lançados, sendo o último, *Os Invaluláveis no sanatório do Dr. Francisco* (2011), é possível colocá-los no meio da canção que dialoga com uma geração de bandas que fizeram, e continuam fazendo, pílulas contra o tédio, a favor da

música que pede um ouvir além. Sem receios do riso, Clarice. Sem receios. •



Divulgação (modificada por Cécile Duchamp)

EMERSON SARMENTO



Sarmiento promete seguir o caminho dos sambas autorais com algo de inventividade. O mesmo caminho Cartola>Viola>Zé>Fróes. Desculpem os ausentes. Sem tempo para pesquisar. Apenas de memória. Música!

Postado em 22 de setembro de 2011.

ENTREVISTA

A sua relação com a música é extremamente singular, visto que você vem de uma família de músicos.

Na infância, marcada pela descoberta e estranhamento do mundo, houve em algum momento a revelação para a música? Nos sonhos infantis era a música que estava em 1º lugar? Ou os ofícios de astronauta, piloto de caça, jogador de futebol e médico ocuparam este espaço?

Bom, lembro muito bem como foi a primeira vez que criei um mundo encantado usando a música como construção desse mundo. Eu tinha na faixa de uns 5 anos de idade, quando meu pai me apre-

sentou o som de Raul Seixas, eu lembro muito das sensações e do impacto que as letras do Raul me causavam - lógico que com uma interpretação diferente de hoje em dia -, mas eu ficava horas escutando, e imaginando várias histórias que caberiam naquela letra, eu adorava ter que inventar histórias cada vez que eu escutava. Foi aí então, que eu quis ser quem nem o meu ídolo, de até hoje, Raul Seixas. Foi minha primeira influência para seguir carreira como compositor.

A música e a poesia têm relações fraternas, vamos assim dizer. Na sua música, ou melhor, na sua relação com a palavra dentro da música, a poesia

“Eu gosto dessa coisa da melodia ser independente da letra e vice-versa (...)”

Essa coisa de livros de poemas com um conceito por trás... A lírica moderna não perdoa.
Poeta Anônimo, Clube de Literatura dos Corações Solitários

ocupa um espaço privilegiado, ou música e poesia são gêneros que você procura separar?

Não. Eu tento juntar uma na outra, várias músicas minhas são poemas musicados. Eu gosto dessa coisa da melodia ser independente da letra e vice-versa, e mesmo sendo “desnecessários” um para o outro, eles se juntam de maneira triunfal, eu gosto desse casamento. Mas claro que, eu tenho atividades que separam a poesia da música, por exemplo, esse ano lançarei o 1º livro da série de poesias chamada “Perfume do Sangue”, que será dividida em 4 livros, o primeiro de sonetos, 2º versos livres, 3º poesia erótica e 4º poesia concreta. Será lançado esse ano pela editora Moinhos de Vento. No mais, eu caso sim música e poesia, porque quando se chocam numa coisa só, a minha realização torna-se inexplicável.

João Gilberto sempre afirmou que fa-

zia samba. Mesmo que todos cunhem a sua obra à Bossa Nova. O último álbum de Caetano Veloso, com o formato: violão, guitarra, baixo e bateria; recebeu o apelido de transamba, dado pelo próprio Caetano, em virtude da experimentação em torno desse gênero musical. Podemos também falar de Romulo Fróes, que desde sempre quis do samba outras coisas. Você pensa, em sua música, experimentar com os arquétipos do samba? Ou é necessário lapidar um pouco mais o formato clássico desse gênero, para só depois buscar outros voos? Outros voos são mesmo necessários?

Em relação ao samba, tem alguns que eu tento pegar na raiz, e por outras vezes tento inovar esse ritmo com a ajuda do meu irmão e parceiro nas canções, Elton Sarmiento. Nós tentamos não deixar a música “redonda” numa cadência natural do samba raiz, por vezes tentamos

Ainda são sambas no escuro. Precisamos ir às ruas.
Vê a música nas ruas. os shows.
Oscar & Pablo, Caderno Cultural

quebrar isso, mas nunca deixando de ser samba também.

Fale de tudo, menos de samba. Quais as referências mais inesperadas que vez ou outra alguém, ou você mesmo percebe em seu trabalho?

Ah! Já, influências do Gonzaguinha, do Cazuza (nas primeiras composições). Acho que fora do samba só isso mesmo. E que eu achei, tem uma música nova agora, que eu percebi uma batida com influências da banda francesa que descobri a pouco chamada Zaz, e recebo influência do grande movimento da minha terra, o Manguetown. Salve Chico Science e seus discípulos!

O que pode nos adiantar do seu álbum de estreia? A estreia de um trabalho artístico só vale a pena se provocar

susto e estranhamento? Qualquer coisa que não o lugar-comum?

Não precisa ser necessariamente “estranho”, se for de qualidade, lógico que será bem-vindo ao público. Mas esse estranhamento existe porque é algo novo que está aparecendo, como no caso de uma banda daqui que gosto muito do trabalho deles, a banda Mombojó, eles têm uma identidade própria, e por ser algo novo, causa o estranhamento em algumas pessoas. No meu álbum de estreia, irei misturar o repertório que vai do samba ao frevo, fazendo ritmos opostos tornarem-se uma coisa só, e por isso que batizei o disco com o nome: Antítese da mesma cor. Espero lançá-lo no começo do ano que vem, com participações de grandes nomes da música pernambucana. •

As suas canções parecem estar de bem com a ironia leve, característica dos sambas de que mais gosto.

Alberto Infante, Diário Austral

METÁ METÁ

Kiko Dinucci



O trio num único corpo de música, plástico pelo ritmo violão sotaque de Kiko Dinucci, texturas como ventos ou trovões rondando a natureza por sopro de um outro deus Thiago França e a presença - “a tua presença morena, pelos olhos, boca, narinas e orelhas, é negra, é negra, é negra” – da voz acima das cordas do violão, por dentro dela, acima do sopro, mas por entre ele, de Juçara Marçal. Todos os corpos entre si. Música, simples música.

Postado em 26 de outubro de 2011.

Foto de Gina Dinucci modificada por Cécile Duchamp

ENTREVISTA

Gostaria que você começasse essa entrevista fazendo uma relação entre a música do trio formado por você, Juçara Marçal e Thiago França, e o trecho abaixo do livro *Mayombe* (1980), de Pe-petela:

“Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. (...) A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações? Sou eu que devo tornar-me em sim ou em não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez?”

Assim como o autor defende as combinações; transportando essa questão para o âmbito musical, esse elemento é o cerne do trabalho da banda?

Entre o sim e o não existe um vão, já cantava Itamar Assumpção. Creio que nos sentimos melhor nesse vão.

“Um dos temas mais fecundos e importantes da realidade africana é a base oral sobre a qual se transmite o conhecimento, o saber africano” (Felipe Aguiar). Como esse aspecto figurou na banda, sobretudo no “lado B” do álbum do Metá Metá?

É engraçado, mas se for prestar atenção, o lado A é mais africano que o B, porque trabalhamos com uma polifonia mais intensa e sem nenhum auxílio de percussão. Aqui no Brasil, a tradição oral deve ser encarada de um jeito menos romântico. Se soubermos escrever, vamos escrever, anotar, cantar yoruba correto nos

Quando amigos se encontram, sendo eles músicos, trocam-se abraços e carinho por música, simples música
Alberto Infante, Diário Austral

templos, isso é possível hoje. Na Nigéria, o pessoal já escreve em yoruba nas universidades, vamos levar isso pra frente.

Qual a influência que o seu trabalho anterior com Juçara Marçal, no disco *Padê* (2007), exerceu sobre as canções-arranjos do *Metá Metá*?

O *Metá Metá* nasceu do *Padê*; chamamos o Thiago França para fazer uma versão diferente do *Padê* e tudo virou *Metá Metá*.

Criamos brincando. Tocamos, tocamos e tocamos até sair algo que seja divertido e prazeroso pra gente.

Como a música *Vale do Jucá*, de Siba (com a *Fuloresta do Samba*), chegou até vocês?

E, mais precisamente, porque decidi-

ram abrir o álbum com essa canção?

Gostamos muito de todos os trabalhos de Siba, desde a época do Mestre Ambrósio. No próprio disco da *Fuloresta*, essa música se destaca. Sempre que escolhemos alguma canção de outros compositores é porque somos fãs e gostamos muito do trabalho. Ouvir já não basta, temos que nos aprofundar mais, então decidimos tocar e cantar. Ela é a primeira do disco

porque ela mesmo quis; a música tem vontade própria, mais vida do que você pode imaginar, ela se impôs e ficou ali, primeira da fila. Nos rendemos ao óbvio.

Quais os álbuns, livros ou trabalhos artísticos que têm um elo com o *Metá-Metá*? Os da

“Minha música é inspirada em imagens, na maioria das vezes em imagens em movimento, cinema.”

Música de exportação!
Albert Chevalier, *Le monde Decadence*.

tradição e os contemporâneos.

Minha música é inspirada em imagens, na maioria das vezes em imagens em movimento, cinema. Dois álbuns, dos quais eu gosto muito da concepção estética, são *o Estudando o Samba* (1976), de Tom Zé, e *Às Próprias Custas S.A.* (1983), de Itamar Assumpção.

Festivais, novos discos, solos, trios, grupos, gritos primais, inscrições na parede, rodas de conversa. Quais os próximos passos da banda? Recife na rota?

Pretendemos tocar cada vez mais, espalhar o som por onde for possível. Com o Metá não temos nada fechado em Recife,

mas por outro lado vivo visitando essa cidade, tocando com Alessandra Leão, Caçapa e outros amigos, vou na raça mesmo, na guerrilha total, com dinheiro do meu bolso, vou e toco. Gosto muito de tocar com Chico Correia em João Pessoa também. Vamos tocar no dia 12/12 no Acre, eu, Caçapa, Alê e Chico. É só colar. Vou começar a gravar o próximo disco, *Cortes Curtos*. •

A cada nova audição esquece-se o que já se ouviu.
Clarice Flor, Suplemento Palavra.

blogaria & outros

MÚSICA

embrulhador.com



editado por Ed Félix

“Aqui você encontra novidades quentes do mundo da música, achados atraentes da sétima arte, sacadas que fazem rir, projetos de encher os olhos e a arte de gente que vive de arte. Não deixe de passar pelas seções especiais, abarrotadas de posts interessantes”.

campainhaelectrica.blogspot.com



editado por JMiguel Neves

Blog editado de Portugal, por onde circulam bandas e artistas contemporâneos da terrinha, bem como músicos e festivais internacionais.

patriciapalumbo.com



editado por Patrícia Palumbo

“Sou jornalista especializada em rádio, música e meio ambiente. Apresento alguns programas de rádio e de tv, entre eles os mais conhecidos são o Vozes do Brasil e a Hora do Rush. Os dois já foram premiados pela APCA. O Vozes do Brasil está no ar em várias emissoras pelo país e tem site oficial”.

minimecenas.com.br



editado por Lulina

Site de financiamento de trabalhos artísticos. “No Minimecenas, a soma de pequenas doações dos fãs é o que dá uma estabilidade financeira para que artistas possam investir cada vez mais em sua arte”.

revistaogrito.com



editado por Paulo Floro e Fernando de Albuquerque

“Site independente do Recife que cobre as diversas áreas da cultura, como literatura, música, cinema, quadrinhos, artes plásticas e moda. O veículo conta, em sua equipe, com quatro editores e repórteres em Pernambuco, além de colaboradores fixos em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre”.

blogaria & outros

LITERATURA

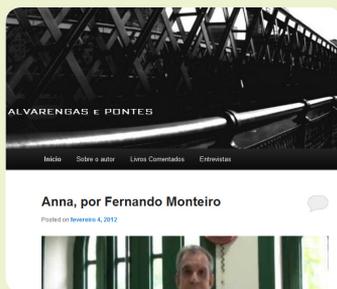
oleitorcomum.tumblr.com



editado por Arthur (Tuca)

“É um espaço pra dividir impressões de leitura, incentivar uma discussão a partir dela, mesmo ainda sem saber tudo o que é necessário saber pra ser um excelente crítico literário. *É um espaço de declaração de amor à literatura.*”

alvarengasepontes.wordpress.com



editado por Thiago Pininga

Blog que publica resenhas literárias, entrevistas com autores e recitais de literatura. Pininga é Estudante de Filosofia da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Colabora nos sites Escritores & Tal, Interpoética e NotaPE. Além disso, comenta livros de literatura no programa Observatório Literário, da Rádio Folha (FM 96.7).

notape.com.br



editado por Cristiano Ramos

“O NotaPE se propõe a ser um local de agregação de forças, procurando apresentar interessantes pautas, notícias, produções e críticas literárias produzidas no mundo virtual, com ênfase no que se tem pensado sobre livros e literatura nos sites e blogs realizados em Pernambuco, sempre com um olhar atento à produção contemporânea e universal”.

escritoresetal.com.br



editado por Wellington de Melo

“É um site colaborativo dedicado a divulgar a literatura brasileira contemporânea, alimentado por escritores e leitores de todo o Brasil. Estamos reformulando o site e em breve todos verão muitas novidades. Aguardem! Enquanto isso, leia nosso blog e navegue pelos textos de nossos colaboradores”.

futeboldebolso.com.br



editado por Rodrigo Édipo e Rodrigo Costa

“O futebol pertence a todos e qualquer pessoa tem alguma opinião sobre ele. Inclusive a gente. Para conhecer mais a nossa proposta, acesse: Futebol pra quem entende de futebol”.

LITERATURA

OS FINADOS AMOROSOS

Por Cristhiano Aguiar

Do que nos falam os mortos, quando nos visitam? É a pergunta que se faz, do alto dos seus 82 anos, o marquês de la Tour-Samuel, personagem do conto “Uma aparição”, escrito por Guy de Maupassant e publicado em 1883.

Em sua juventude, nosso marquês encontra, na cidade de Rouen, um amigo de infância. Mal o reconhece: o amigo, embora jovem, está com os cabelos todos brancos e anda encurvado. O que houve? Seu amigo “apaixonara-se loucamente por uma moça”; o casamento, a narrativa nos faz supor que fora intenso, já durava um ano, quando a esposa morreu subitamente de uma doença no coração. O amigo pede ao narrador um

favor: não tem coragem de voltar ao local em que fora tão feliz com sua mulher; precisava, porém, de alguns papéis que estavam dentro de uma escrivaninha, localizada no quarto onde dormia com sua esposa. Seria possível pegá-los? O narrador prontamente aceita.

O fantástico é um dos meus modos narrativos preferidos, porque fala verdades na contramão a respeito do que mais me fascina: o sexo, o desejo, a morte, o mal, a memória, a insanidade, a imaginação. Todorov, entre outros teóricos, nos recorda que o fantástico no século XIX foi uma maneira encontrada para falar de temas-tabu à rígida moral do público-leitor da época. Assim, por exemplo, um tema

como o lesbianismo é tratado como uma modalidade de vampirismo no excelente conto “Carmilla”, de Sheridan Le Fanu.

Correntes críticas acusam o fantástico, principalmente dos séculos XVIII e XIX, de ser moralista. É verdade em muitos casos. Contudo, mesmo no conto de fantasma mais carola (leiam “A missa das almas”, do esquecido Anatole France), mesmo na história vampiresca mais aburguesada, a presença de imagens que são um duplo da nossa agressividade e pulsões reconditas garante uma tensão narrativa por si só interessante.

No fantástico, temos quase que um compêndio a respeito de uma época: descobrimos quais os limites epistemológicos do conhecimento que uma dada cultura construiu sobre o mundo (discutir estes limites é a alma da literatura fantástica, pois o conhecimento científico e o debate sobre o funcionamento

“porque o fantástico, como disse, tensiona o que aprendemos a respeito do sexo e da violência (...)”

da razão estão sempre no seu horizonte), aprendemos um pouco sobre seus valores e costumes morais (porque o fantástico, como disse, tensiona o que aprendemos a respeito do sexo e da violência, mesmo que ao final corrobore valores conservadores) e reencontramos muito do que nos incomoda – os corpos que não devemos desejar, o horror à deformação e amputação, a escuridão, a dissipação do próprio ser, as nebulosas fronteiras do que se convencionou chamar “sanidade”...

Voltemos, porém, ao marquês. Ele já se aproxima, no seu cavalo, do castelo onde o amigo morava com a morta. Dois serão os espaços ficcionais básicos do conto: um castelo “apodrecido, abandonado” e um quarto “escuro, tomado pelo cheiro de mofo”. Estes dois espaços cumprem duas funções narrativas. A primeira é fácil de averiguar: o quarto escuro e o castelo são lugares

típicos de uma narrativa gótica. Deste modo, ambos são usados por Maupassant para conectar seu texto com um conjunto de imagens consolidadas na tradição literária do fantástico, do terror e do gótico.

Todos vocês provavelmente concordariam comigo que parece haver algo errado, um “não dito” em relação ao viúvo, amigo do narrador. Há algo que envenena esta personagem; algo que ele esconde. Aconteceu alguma coisa terrível naquele castelo, mas ela não pode ser vislumbrada às claras; é um segredo partilhado pelos fantasmas, que nada mais são do que os personagens por excelência da memória. Os fantasmas: eles retornam pelo não dito do crime; eles querem restituição porque seus olhos foram vazados. Caminhamos no mundo com os

“Caminhamos no mundo com os pés e as mãos enlaçados por interdições; os mortos voltam, na ficção, porque têm horror ao esquecimento (...)”

pés e as mãos enlaçados por interdições; os mortos voltam, na ficção, porque têm horror ao esquecimento; livres, eles observam a caminhada desajeitada que teimamos em fazer sobre a superfície do planeta. Assim, a atmosfera sombria dos dois espaços narrativos, além de conectar

o texto a uma tradição literária específica, também nos

lembra que aqueles lugares são uma projeção dos interditos; castelo e quarto são lúgubres, porque enterram o segredo de uma memória amorosa da qual o viúvo não consegue se livrar.

Ao entrar no quarto, o protagonista encontra com o fantasma da esposa: uma mulher vestida de branco, cujos longos cabelos negros tocam os próprios calcanhares. Este espectro, porém, não pergunta pelo seu esposo, nem lamenta o amor interrompido. Pelo con-

trário, suplica ao visitante: “Penteai-me, oh!, penteai-me, isso me deixará curada”. A cena que se segue é fascinante: o narrador, já seduzido, embora nauseado e apavorado, pega o pente de osso oferecido pelo fantasma e começa a torcer, embareçar, desembaraçar, fazer tranças naquela mulher, que “suspirava, inclinava a cabeça, parecia feliz”. Meu conterrâneo, Bráulio Tavares, ao comentar este conto, acerta ao identificar nesta cena um forte conteúdo erótico. E por que os cabelos? Tavares explica que existe a crença de que os cabelos continuam a crescer depois que morremos. Eles são, assim, de certa forma a conexão final que aquela mulher morta tem com o corpo. E seu apelo nada mais é do que uma urgência do corpo, metáfora da febre que nos toma conta quando estamos completamente enlouquecidos pelo desejo. O conto, deste modo, nada nos esclarece: o segredo do “que aconteceu no castelo” é substituído por um outro, no qual o viúvo pede para que o seu amigo sacie o desejo – explici-

tamente sexual – do fantasma da esposa morta! Esposa que, ao voltar dos mortos, não é a materialização do ideal sublime e elevado do amor romântico em voga naquela época; pelo contrário, é provável que um dos motivos para o seu retorno seja a vingança contra aquilo que ficou sufocado em nome deste mesmo ideal.

É na morte, muitas vezes, que o amor romântico encontrará seu desfecho privilegiado, porém esta morta retornou para mostrar ao seu apaixonado esposo que no amor há sempre uma falta incurável.

Uma rejeição, uma traição, um ciúme, uma separação, o silêncio, ou a indiferença – nos espaços sombrios estão trancados espectros cheios de súplicas, cujos cabelos se derramam pelo chão. •

CINEMA

SINCERAMENTE?

Por Marina Silva

Como primeira atividade no blog, eu esperava conseguir falar longa, calma e claramente sobre um filme realmente instigante, que valesse cada minuto de exibição e que conseguisse encorajar algumas pessoas (ainda que poucas) a voltarem nos meses seguintes e, quem sabe, aceitarem seguir ao menos uma das próximas indicações da coluna... Logicamente, eu só posso falar da minha experiência enquanto espectadora, podendo corresponder, ou não, ao que você espera/gostaria de ver em um filme. Corre-se sempre o risco. E infelizmente, para mim, o último filme que vi (há algumas semanas, mas que tem resistido

de maneira impressionante ao desgaste, não me permitindo, portanto, pensar em alternativas) que talvez atenda a essas expectativas pede sigilo quase absoluto sobre sua história, me colocando diante um impasse: propô-lo ou falar calma e claramente sobre outro filme. Depois de passar a semana tentando resignadamente chegar a um meio-termo, me entrego – e decido: Este texto será provavelmente evasivo, e o filme que trago foi “dirigido” por Ariel Schulman e Henry Joost e recebeu o nome de *Catfish* (2010). E, sinceramente, se você quer aproveitar tudo o que ele pode oferecer (ou quase tudo, pois esse parágrafo, por si, pode ser

suficiente para frustrar parte da experiência), ignore completamente o resto do texto, pule o trailer e assista. Outro dia, de preferência, quando a lembrança do entusiasmo dessas palavras abrandar. Sem ressentimentos. É só que, se a tagline de um filme no IMDB é “não deixe ninguém lhe dizer o que é”, deve haver algum motivo.

De fato, é muito curioso encontrar, nos dias de hoje, um filme que boa parte dos espectadores prefira guardar em silêncio, em respeito aos que ainda não o viram. Sempre existiu algum respeito ao clímax, concordo, mas tentar manter silêncio absoluto? Para mim, por enquanto, algo

“É um documentário-reflexo dos dias atuais, que traz questões que todo mundo já pensou (...) sobre a tecnologia e as novas possibilidades de relacionamento na era digital.”

bem raro – e ficaria muito feliz em receber correções. Fica ainda mais interessante pensar em *Catfish* quando percebemos que, apesar de todo o cuidado por parte de quem comenta, ele tem muito pouco de ineditismo. É um documentário-reflexo dos dias atuais, que traz questões que todo mundo já pensou, discutiu ou ouviu falar sobre a tecnologia e as novas possibilidades de relacionamento na era digital. Se existe algo de inédito nele, talvez seja a sorte de sua história ter esbarrado em três pessoas com juventude, curiosidade e, sobretudo, equipamentos e conhecimento suficientes para fazer um filme. É por isso que, apesar de reconhecer que sem eles o do-

cumentário não existiria, prefiro aspear a direção de Schulman e Joost, pois, como boa parte dos documentários, *Catfish* é, antes de tudo, um filho das circunstâncias, e também um filme que reflete o “fazer-documentário”, na medida em que se propõe a compartilhar discussões sobre os passos a serem seguidos – (de novo) novidade nenhuma para Jean Rouch e Edgar Morin, que já faziam isso em 1960, em *Crônicas de um Verão*.

Mas, apesar das questões já colocadas, é um filme que não se resume apenas aos efeitos do “mundo virtual” sobre a vida das pessoas (se é que hoje se pode delimitar claramente a dicotomia real x virtual). É um filme sobre criatividade e pessoas criativas; sobre vida, expectativas, aspirações, limites e sobre pessoas de verdade. Acho que é principalmente

isso... Um filme sobre pessoas reais e sentimentos reais e que, em minha opinião, admite a palavra “fantástico” em mais de um significado.

Tudo começa em 2007, com a correspondência entre Yaniv Schulman, um fotógrafo nova-iorquino de 24 anos, e Abby Pierce, uma pintora de 8 anos de idade, pelo Facebook.

O resto está lá, pra quem quiser ver. •

DESENHO

COMIC BOOKS

Por Daniel Liberalino

Era o interior friorento de São Paulo, durante o mestrado, e eu costumava desenhar lugares da cidade. Utilizava papéis avulsos, em geral. Esbocei o terminal rodoviário, esperando um ônibus para casa, perto da meia-noite; um semáforo no meio-fio, domingo à tarde, sentado na calçada de uma floricultura fechada; um orelhão na calçada; uma velha adiposa de mini-saia num shopping center observando uma vitrine fechada, com bijuteria esotérica nas prateleiras, destinada a consolar, espiritualmente, o público alvo das meio-idosas na menopausa, deficitárias em fé cristã. Havia o esboço de uma alameda do bairro, margeada por um centro hospitalar, cercado por uma rede, bufonescamente, sob as jane-

las, para desacelerar a queda de médicos, internos e estagiários. Bosques, um posto de gasolina; coisas do tipo. É uma atividade plenamente satisfatória, substituindo uma vida amorosa, ou solitária, conquanto penhe em desafios, como a dos indie folkers não-caucasianos, clubbers agorafobos, psicopedagogas sexualmente ativas, feministas ovulantes e tv hosts intuicionistas browerianos. Insto-o, enfaticamente, a experimentar por si, leitor divorciado.

Os traços eram quadrinescos; simplistas. Talvez o estilo me interessasse – conjeturo, agora que alguns anos transcorreram, implacáveis, somando, ao todo, um ou dois dias ordinários da vida de alguém

– porque as linhas elementares e iconográficas nos comic books representem o mundo mais ordenado e, ipso facto, mais acolhedor; como o abraço de um ex-colega de trabalho, quando jazemos numa cama de hospital, contemplando a marcha da velhice, ou o gracejo paternal de um urólogo. Nesse sentido, e tal como os álbuns de fotografia, graphic novels são um rolé fundamentalmente mórbido: pois que não ensejam reagir, futilmente, ao devir; ao consumir-se das coisas, para ourivesá-las num presente imóvel – aquele da imagem? De modo ostensivo, não é esta a ambição mais resfolegante da arte: talhar; incrustar, no diamante inconstante do tempo, uma chuva imóvel?

Claro; só uma espécie obsedada com morte e degeneração poderia produzir beleza; por mera auto-negação. Os anjos tocam musak e escrevem guias de turismo. Falta-lhes a motivação candente e imperiosa; o desconforto do macaco sentiente, corrupto. Falta-lhes, enfim, um cu na extremidade dos intestinos.

Havia, eu dizia, uma qualidade distinta, reconfortante no estilo quadrinesco,

como a suspensão estática nos cenários de Edward Hopper, que me impelia a transpor para tal registro fragmentos desoladores da cidade. Diversamente, para a maioria (estimo), é o minimalismo que condena à vulgaridade a “nona arte”. Seria a isto que se referia Chris Ware, ao imputá-la como rasteira, a mídia quadri-nística? Com efeito, imagens esmeradas demais represam o fluxo da narrativa. Em “Marvels” de Alex Ross, por instância, vemos não uma graphic novel, senão uma galeria de imagens super-trabalhadas, retratando fisioculturistas de cueca, consoante à tradição homoerótica, glandular dos gibis para adolescentes celibatários, hoje assimilada por Hollywood, conforme reclama o triste, seboso zeitgeist dos 00 e 10. Em contraponto, o minimalismo congenial inclina o comic book à caricatura; quanto o atesta a eterna popularidade dos cartuns. Mas não é, justamente, a simplicidade ockhamiana, e assim a elegância, a gramática universal da arte? A um turno, sua alma e o seu corpo?

Similarmente, anseiam os machos que o corpo da fêmea desenhe, e renda tangí-

vel, o simples, o suave, o ordenado; em última instância, ausentes na textura e estrutura assimétricas da vida e, em particular, na aridez masculina. Somos consumidores insaciáveis da ficção da ordem, o bem em torno do qual orbitam os sistemas econômicos, as angústias e as picas. Tornando ao berço de seios femininos, protegem-se, os pobres chimpanzés, da verdade e do devir; da indiferença das leis do mundo à presença do homem – um arranjo dispensável, em quanto os concerne. De modo análogo, e leva após leva, penduram-se às tetas briosas da arte; leitões famintos por estética. Quando estofados os estômagos; a febre reduzida aos 37 graus; quando, enfim, a atrocidade cessa de nos entreter, o mundo se torna banal, e algo deve rendê-lo habitável.

“Há mais darwinistas em Beberibe que comics artisticamente relevantes no mundo, é notório; de resto, ainda é um formato menos viciado e autoconsciente (...)”

Há mais darwinistas em Beberibe que comics artisticamente relevantes no mundo, é notório; de resto, ainda é um formato menos viciado e autoconsciente, quando não usado para escoamento do subconsciente testicular da puberdade (Alan Moore continua meio chibata).

Me interessa mais que cinema, embora não tanto pelo ineditismo de possibilidades expressivas: polarmente distante do internalismo da literatura, que nega o mundo, o cinema é sensualista e passivo; não escapa fácil ao realismo; o comic book, meio literário e meio cinematográfico, guarda genes dos dois mundos. É um formato um melancólico, afinal; pense em todos esses gibis esperançosos de super-heróis durante a guerra. Redesenhar a vida é um propósito meio deprimidamente. E é isso, meu rei. •

RESENHA

LIVROS

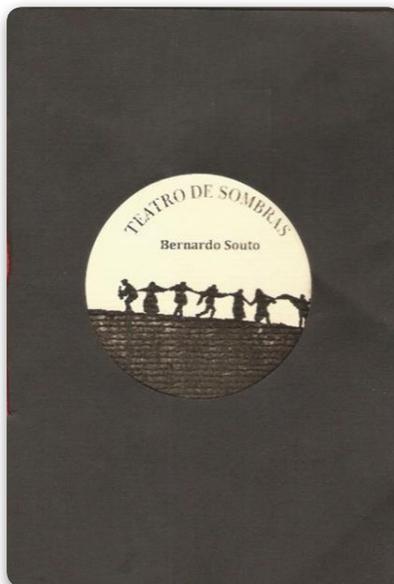
LUZ.FORMA.AÇÃO.

Teatro de Sombras é o livro de poemas de Bernardo Souto pela Edições Moinhos de Vento. Pela primeira vez pude conferir um livro dessas belas edições artesanais, somente agora em 2012. Tentarei dar uma luz sobre o livro, ainda que corra o risco das sombras apagarem, e surgirem outras.

Amarrada aos nossos pés e aos pés de todas as coisas – a sombra – esta alma negra, só pode dizer sobre os nossos atos (passado que se atualiza por si só como Forma). Nunca o caminho. Talvez por isso que na apresentação deste livro, Fabio Andrade diz que é “experiência que nem a filosofia, nem a teologia, nem a ciência poderiam captar”. Tais disciplinas requerem caminhos, discursos sobre os métodos e Ulisses amarrado.

Os poemas de *Teatro de Sombras* são atos, são seus verbos. Os atores, usando suas respectivas máscaras, vão desde Javé até Blaise Pascal. Este último, se não

me engano, acreditava que mesmo para uma não-filosofia era necessário filosofar. Não por acaso, só encontrou interlocutor muito mais tarde, em Nietzsche.



Dito isso, podemos dizer que nestes poemas *há metafísica bastante em não pensar em nada?* Os poemas de Bernardo Souto, ao meu ver, são a Filosofia antes da Filosofia: tangem à Sabedoria.

Cito finalmente o próprio B. Pascal: “Quando nos deparamos com um estilo natural, espantamo-nos e nos alegramos, porque esperávamos encontrar um autor e encontramos um homem. Ao contrário, os que têm bom gosto e pensam, ao ver o livro, descobrem um homem, surpreendem-se com achar apenas um autor: Plus poetice quam humane locutus es. Honram bem a natureza os que lhe ensinam que ela pode falar de tudo, até de teologia.” (Pensamentos, n.29, Trad. Sérgio Milliet) •



UM PESO PESADO

A equação peso/medo poderá ser resolvida? Veremos. Antes, porém, cabe a pergunta: qual é o resultado? ou ainda, serve para quê?

Todo livro se inicia por um título, a peso de medos. O artigo é definido – definitivo – não é qualquer “um peso” mas “o peso”. Qual?... deixemos em suspenso.

Complementos “do medo” nos dão uma pista. Medo é sempre incomensurável. E peso sem objeto para pesar não é peso. O que é?

Objetivo. Mais que medir um objeto pretende-se dar um objetivo a ele. E necessita-se também de um sujeito para dar os objetivos. É o caso do poema que se intitula com o nome do autor, Wellington de Melo.

Dada a equação inicial peso/medo cabe ao poeta oferecer o sinal de “igual a” (alguns dirão mimético) restando ao leitor colocar um “xis” em cada poema. Não necessariamente um “xis”. Pode ser um “o” no caso do poema “J rge”; ou ainda um “a” em “c rlos” e “pas rgada”. Pode ser até mesmo caso de sinais de pontuações! Quer exemplo maior do que no poema de abertura arte poética? Poesia e Física ocupam o mesmo lugar no espaço.

No livro ainda sobrevivem 30 poemas em fúrias. Bom lembrar que Fúrias também significam aquelas entidades da sociedade romana que personificavam a vingança. Mais: na sociedade romana havia tanto receio delas que chagavam a denominá-las de outros modos, com medo de atrair. Oh! Suas Fúrias não passaram despercebidas, Poeta. Evocaste estas entidades sem medo de pronunciar seus verdadeiros nomes. Eis o seu objetivo, muito mais que seu objeto!

Acabou-se o suspense: aquilo que esteve em suspenso só pode ser mesurado depois que cai, somada sua gravidade. Foi medido – sem comedimento – porque alguém nos disse, deixando o medo pisar no chão, com o artifício de amarrar as palavras leves, abstratas, teóricas, platônicas às palavras pesadas, do cotidiano, do “pragma”, da ação. •

O DESTINO DE SIDNEY ROCHA

Sidney é aquele tipo de escritor que, em um aniversário, cuida para a vela não se apagar: faz um gesto de concha, com as mãos, e faz com que dure mais. É assim também que cuida para que a voz de seus contos não se apague – de tão sugestivos – e alcance uma distância maior, sem que se torne um grito. Com suas mãos, por suas mãos, saem a luz que permite a boa literatura comemorar mais um ano de vida.

Por metáforas, me sirvo do filósofo grego Aristóteles, em sua Retórica, que reserva uma parte para avaliar o uso e efeito das mesmas:

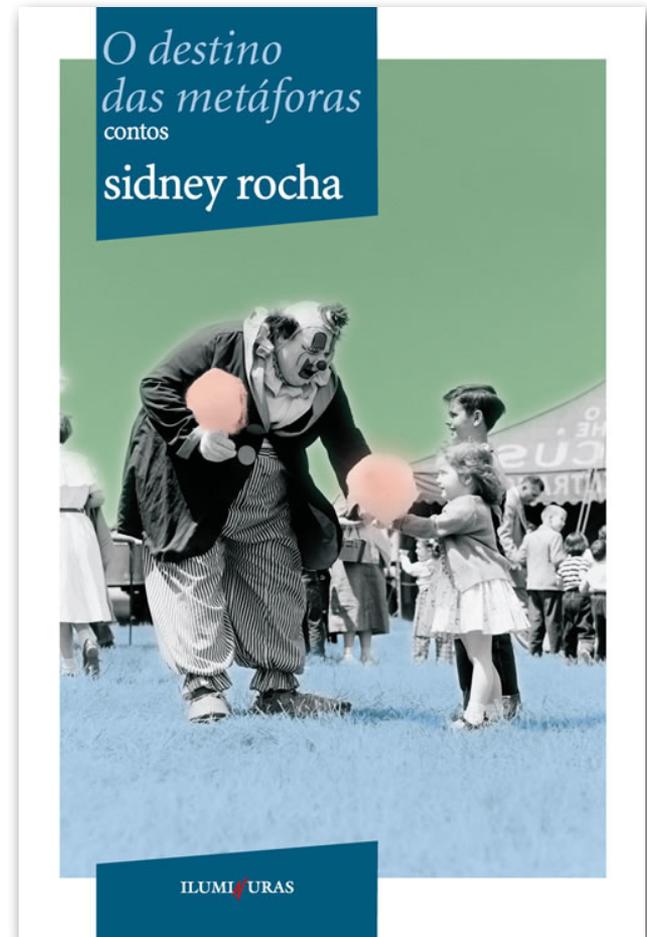
“É certo que há palavras que nos são desconhecidas, embora as conhecemos no seu sentido apropriado; mas é sobretudo a metáfora que provoca tal”

É a metáfora a matéria de seus contos; portanto, sendo esta responsável pela provocação do es-

tranhamento, é também a responsável pelo seu destino, ou seja, do desconhecido – tema constante no livro (intitulado muito bem de “O Destino das Metáforas”).

A solução dessas metáforas é, por conseguinte, a compreensão de seu destino, ou, inversamente, a compreensão do destino é a solução de suas metáforas. O livro gira em torno desse movimento técnico.

...e, depois que seus leitores, que participaram atentos, terminam de cantar parabéns ao escritor Sidney Rocha, é hora de apagar a vela fazendo um desejo (que esperamos ser o mesmo nosso: que ele escreva outros livros tão bons quanto este a cada ano!). •



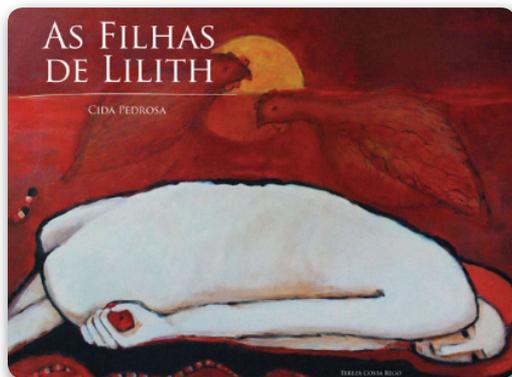
AS “ILHAS” DE LILITH

O mais recente livro de poemas de Cida Pedrosa – *As Filhas de Lilith* – me chama atenção para algo que passou despercebido pelos seus interpretes até o momento.

Cada poema recebeu o nome de uma mulher e cada um deles explora certa personalidade feminina (isto é óbvio, embora muita gente confunda *personalidade* com *personagem*).

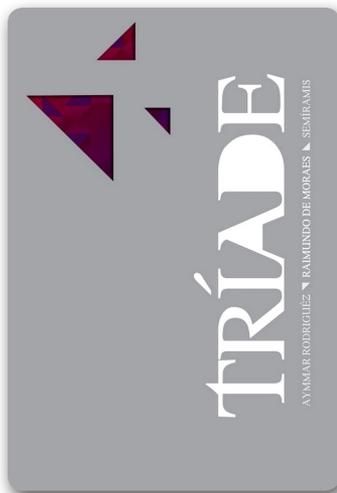
Ainda assim, ninguém reparou que estas personalidades(!), no que ganharam em independência, estão sozinhas. Fica muito claro que se trata ou de “Deusas ou de Monstras”, adaptando uma máxima aristotélica, pois que estão ensimesmadas (em si mesmas). Não por acaso são filhas de Lilith.

Se algo é manifesto em todos os poemas é esta solidão genealógica. Daí a importância de Cida Pedrosa: estas mulheres silenciosas necessitam



da voz da poeta para falarem, quiçá apenas na forma poética podem falar ao mundo. •

TRÍADE: O PAI, O FILHO E O ESPÍRITO POÉTICO



O que dizer sobre o livro de poemas *Tríade*, de Raimundo Moraes? A rigor, nada, pois está tudo dito no livro. Mas devo alertar para que ninguém tropece numa sombra com relevo: Nenhuma imagem é melhor senão aquela encontrada na sede – ambíguo mesmo – que é a poesia.

Um livro é um filho: *Tríade* surgiu de um triângulo amoroso entre o poeta e seus heterônimos Aymmar Rodríguez e Semíramis, onde Raimundo encontra-se no meio deles.

Dialoga com a religião especialmente cristã, mas esta não dialoga com ele. Resolveu então escrever suas próprias rezas, se confessar para a terra. Não por acaso coloca uma epígrafe do filósofo Nietzsche (este que também foi poeta).

Poemas são feitos de sentimentos, imagens e metáforas: *O que restou da paixão / o verão sugou / numa grande esponja amarela*. E percebe esta privilegiada ordenação dos versos:

Sentimento: *O que restou da paixão* (*Pathos: desmedida*)

Imagem: *o verão sugou* (*Ethos: costume*)

Metáfora: *numa grande esponja amarela*. (*Logos: sol*)

Creio, sim, que vão atirar pedras neste livro; mas que sejam diamantes, esmeraldas e rubis. •

FILOSOFIA

A ÚLTIMA BATALHA*

Por Domingos Sávio

Lembro daquilo que, quando criança, alguns amigos – já adolescentes – chamavam de “a última batalha”. Espécie de ato simbólico de transição da infância para a adolescência, onde havia uma última brincadeira envolvendo seus bonecos (que, naquela época, não eram ainda chamados de “figuras de ação”): uma simulação de guerra que levava à destruição real daqueles seres de plástico – que depois de protagonizarem tantas aventuras e situações, de uma hora pra outra se tornavam ocos, fechados em si mesmos.

Não sei precisamente em que ponto específico da minha vida assumi para mim mesmo que não conseguia mais brincar,

representar situações com bonecos. Mas não aderi àquela prática de total destruição, nessa passagem. Ao invés disso, optei pela reconfiguração: abrindo-os com chave de fenda, os descaracterizando e remontando como um verdadeiro Dr. Frankstein... Para, só depois, renegá-los, deixá-los guardados no fundo de uma caixa qualquer.

[...]

A música assumiu o papel lúdico principal na minha vida, sendo também o mais expressivo canal responsável pela minha compreensão e comunicação com o mundo exterior (a seriedade de qualquer brincadeira passa por aí): tanto pelas ex-

**Trilha para o texto: Spirit They're Gone, Spirit They've Vanished, de Animal Collective*

periências coletivistas que são as bandas, quanto pelo próprio ato de expressar uma ideia através de som e palavra.

Minha primeira atitude de aproximação do processo de composição musical ocorreu com a cultura do remix, no final dos anos 80. A música para mim ainda não se processava através de notas, acordes, solos, harmonias etc; o que havia eram batidas, bases, blocos, linhas vocais – recombinaíveis infinitamente. Quase um LEGO musical. E, mesmo sem possuir os meios de produção (mixer, toca-discos e vinis específicos para mixagem), eu escutava os remixes feitos por DJs e fazia mentalmente os meus.

Depois vieram as festinhas de discotecagem, os primeiros acordes, a primeira banda e... o Nirvana destruindo seus instrumentos a cada apresentação. Aquilo

me pegou de jeito, a ponto de mudar totalmente a minha perspectiva de valores. Meu temperamento sempre foi o oposto do explosivo, mas nunca tomei isso como um algo necessariamente positivo. Na verdade, isso ainda me faz engolir muito sapo nessa vida.

“A música para mim ainda não se processava através de notas, acordes, solos, harmonias etc; o que havia eram batidas, bases, blocos, linhas vocais (...)”

Hoje, reconheço que, tanto “batalhas finais” quanto “reconfigurações”, são necessárias em alguns momentos para manter o fluxo da vida pulsante e significativa. •

CRÔNICA

THE ANSWER, MY FRIEND,

Por Júlio Rennó

Tendo a concordar quando um artista se furta a tentar explicar a sua obra. Assistindo ao documentário *No Direction Home* (2005), de Martin Scorsese, vejo Joan Baez rememorando o desdém de Dylan aos críticos que, segundo ele, fracassariam na perscrutação de suas letras. Tentando dar significado a cada letra, cada verso, cada fonema articulado a par de uma velha melodia. “Eu não sei o que são. De onde vem. O significado muda com o tempo”. Ratifica o compositor. “O tempo será o responsável pelo julgamento da obra”, também nos diz o chavão dos críticos mais ou menos preguiçosos. O meu tempo é esse. O que fazer?

O poeta Marcus Accioly, criador de épi-

cos como *Sísifo* (1976) e *Latinomérica* (2001), não se faz de rogado, como dizemos, e enriquece os seus poemas com notas explicativas. Caetano Veloso, que em outro documentário, *Coração Vagabundo* (2009), diz ser o avesso de Dylan, pois não gostaria de ser reconhecido como alguém com uma aura de mistério ao seu redor. Para Dylan serve, para ele não. Caetano, em outro momento, diz que sempre escreve releases de seus álbuns porque gosta de escrever. É essa uma boa desculpa para escrever. Releases só deveriam ser lidos pela imprensa preguiçosa e autofágica. Releases de músicas deveriam ser músicas, de poemas, poemas, de contos, contos, ameaça um rebelde dentro de mim. “Um livro de his-

tória sem notas de rodapé não é história, é ficção”, me sopra uma voz em ondas de algum programa televisivo de Talk Show. Anoto os recortes. Continuo.

O livro de contos, *corto por um atalho em terras estrangeiras*, que lançarei em breve – não Rennó (o outro), mas sim, Gomes (o este) –, esteve durante três anos rondando em minha cabeça. Eu gostaria de comentar sobre todas as narrativas “sem intriga, – (...) cujo fio narrativo é voluntariamente truncado, encoberto, disperso”, assim propõe Saulo Neiva (2009), sobre as epopeias do final do século XX, ou “que por trás da história contada (ou não), da linguagem, e, até mesmo, do escritor, há (...) uma proposta literária que alimenta e desafia a criação”, como também afirma Reinaldo Laddaga (2001), ao analisar a obra de João Gilberto Noll; mas citar um livro sobre epopeias con-

“Releases só deveriam ser lidos pela imprensa preguiçosa e autofágica. Releases de músicas deveriam ser músicas, de poemas, poemas, de contos, contos (...)”

temporâneas e um ensaio acerca de um escritor do “cânone contemporâneo” – e o que essa expressão queira dizer – deverá soar como pretensão, arrogância ou mesmo estranhamento. Na verdade, parte de uma angústia interna de um não saber. Volto a me apoiar nos ombros de

Dylan: “Eu não tinha as respostas que eles queriam. Ninguém tinha”. No entanto, as pala-

avras de Thiago Pininga no prefácio do livro, de certa forma, apontam uma primeira leitura dos contos. Por isso, posso – aparentemente – me tranquilizar e seguir respondendo por essa linha de interpretação.

Um recorte, decerto. Um caminho por onde começar. •

MÚSICA

OUTRAS PAISAGENS

Por Laura Wrona

O disco é duplo. Chama-se *Práxis – Ato I e II*. Ao abri-lo, abre-se um mundo: primeiro o interior da capa, uma obra à parte, um mapa visual do caminho sonoro, apontando referências, escondendo tesouros – estes só revelados no ato da escuta. Abrir um mundo não significa recebê-lo. Há que abrir-se antes. E é essa a palavra que me vem à mente, a primeira palavra que me surge ao tentar descrever o trabalho sonoro de Thiago Nassif: a b e r t u r a .

Trata-se de um trabalho que realmente se oferece, inteiro, em dois álbuns complexos e de diferentes propostas de percursos sonoros... E antes que eu embarque em um discurso publicitário, como

se quisesse convencer a você, leitor, a “comprar” essa ideia, aviso que partirei para o improvisado.

(Quando fui convidada a escrever para esse blog, minha primeira reação foi de espanto, afinal, nunca escrevi publicamente sobre nada e considero meu conhecimento musical um tanto quanto desatualizado (ainda passo muito tempo a peneirar o essencial do excesso... E confesso que em tempos de facebook, muito me acessa, mas quase tudo me ultrapassa). Escrever sobre o quê? Sobre quem? Posso falar dos meus amigos? Devo falar dos meus amigos músicos...? Ética, crítica, estética... E assim vai se tornando crítica a escrita que era doce... E começa a

pegar nos cantos da língua antes mesmo que eu ouse dizer. Meditei no mantra de Leminski, e assim, “depois de muito meditar, resolvi editar, tudo o que o coração me ditar”).

Conheci o Thiago Nassif num grupo de estudos de arte guiado pelo artista plástico e professor Rubens Espírito Santo. Até então pensava que Thiago fosse artista plástico. Segui pensando assim até que, dois anos depois, quando já vizinhos de atelier, ele me convidou para gravar vozes em duas faixas do álbum que estava produzindo. Fizemos no estúdio a primeira escuta do trabalho completo e percebi ali a forte plasticidade das músicas, as imagens que surgiam a cada inserção instrumental ou as interferências de gravações de campo que pontuavam o espaço, apontando percursos de es-

“(...) percebi ali a forte plasticidade das músicas, as imagens que surgiam a cada inserção instrumental ou as interferências de gravações de campo (...)”

cuta e suas imagens. Depois de pronto o trabalho, pude escutá-lo com calma e logo dois nomes me seguiram durante a experiência. Moondog e Smetak.

Moondog foi um compositor excêntrico, nascido em 1916, em Kansas. Cego desde os 16 anos, foi autodidata e escreveu suas criações em braile. Aos 27, decidiu mudar-se para Nova York e viver nas ruas, tocando sua composição aos passantes, numa esquina que ficou conhecida como Moondog's Corner. Suas composições incluem sinfonias, batuques feitos nos instrumentos que construía, conversas, e outras inserções que tornam sua música complexa na diversidade da obra total ao mesmo tempo em que faixa a faixa, mantém-se o espírito de “esconder a arte, o efeito máximo, mas com meios mínimos”, nas palavras

do próprio, sobre sua busca como criador. Walter Smetak, outro músico difícil de definir, nasceu na Suíça em 1913 e naturalizou-se brasileiro em 1968. Nos anos 60 sua pesquisa em música experimental chamava-se “Iniciação pelo Som”, e a partir dessa interpretação ritualística nascem também as “Plásticas Sonoras”, que refletiam sua vontade de integrar a música e as artes plásticas. Acrescentando as cores às construções de seus instrumentos, buscava a simbologia de planos de uma mente cósmica, voltada para a expressão da sabedoria transformada em ação. Sua música influenciou a geração tropicalista de músicos que escutavam seus pensamentos sobre improvisação, elemento que ele considerava essencial na cultura brasileira.

Volto para escutar Thiago Nassif e seu trabalho de nome Práxis. A prática a qual o título se refere me parece muito próxima desta que Smetak propunha, com relação à expressão de uma escuta aberta à

complexidade da vida e seus sons. Ouve-se a cada faixa um pedaço de paisagem, que não vêm da paisagem que se vê confortavelmente emoldurada pela linha do horizonte. Para absorvê-las é preciso caminhar dentro delas, pois nada fica de relance, facilmente dado como tantos postais de viagens que não fizemos a não ser pelo instantâneo do já visitado.

“Falar sobre música é uma besteira. Executá-la é uma loucura”, Walter Smetak.

Boa escuta! •

OUTROS CRÍTICOS

Juliana R. literatura
Barbara Eugênia
JAIR NAVES **CHINA** **MUSICA** ENTREVISTAS
MÁRCIA ILUSTRAÇÃO
coletâneas CINEMA e-zine DO AMOR
JULIA SAYS crônica LULINA
FILOSOFIA MOMO BOOTLEG KASSIM LUCAS SANTANA
MARCELO JENECCI Thiago Pethit RENNÔ Franny Glass
D MINGUS APANHADOR SÓ MOMBOJÓ
zé manôel KARINA BUHR
Amélie CIDADÃO INSTIGADO
DEAD LOVER'S TWISTED HEART

BLOG
QUADRINHOS
ROMULO FRÓES

Esta nuvem de tops
é editada por Júlio Rennô
e Amélie Marie desde 2008.



Prezado Rennó,

Recebi com grande alegria o álbum da banda Team.Radio. Apesar da agência de correios de seu país estar em greve, aparentemente, esse fato não atrasou a chegada de sua encomenda.

O frio é menor nesse período do ano, algumas luzes já começam a desabrochar por entre as cortinas. Por isso, as canções desses meninos vieram em boníssima hora. Você me pediu uma resenha crítica sobre o disco, não é? Mas desde que me aposentei, não costumo mais escrever “resenhas críticas” sobre o que quer que seja. Aquela rotina do Diário Austral já ficou para trás. O que posso fazer, e é o que estou fazendo, é comentar como essas canções tocaram os meus dias, esses meus dias saídos da tensão do frio, à

margem da luz. Bendita luz. Isso serve?

Quando a primeira canção começou a soar na sala de minha casa, eu estava justamente abrindo as cortinas, as pesadas cortinas, e deixando a luz vibrar no vidro das janelas. Depois, abri as janelas. Veio o vento e dentro dele os primeiros versos de Summertime, cantando junto com o vento, com as folhas caídas no quintal de casa. A natureza parecia receber a melodia como quem recebe em casa um velho amigo.

Resolvi pôr as músicas num pequeno aparelhinho que tenho e sair para dar uma caminhada. Coisa que não faço há muito tempo. A segunda música acompanhou a minha disposição, e de vagar



em vagar, passei da lenta caminhada a uma corrida para além das fronteiras que eu, invariavelmente, percorria. Passei os limites da cidade com um pequeno sorriso no rosto. Ouvindo a terceira música, ouvindo o meu velho corpo tropeçar no cansaço, na minha falta de resistência. Mas a música me mantinha aceso.

Procurei repouso embaixo de uma grande árvore, encostei-me na sombra e fiquei observando o tempo arrancar pequenas folhas dos galhos com seus mínimos movimentos. A voz feminina da canção se confundia com os outros instrumentos, como também a estação, o tempo, parecia mudar diante de meus olhos. Na última canção, as cores da natureza começaram a se tornar cinzentas.

Árvores e carros, vento e buzina, pássaros e lixo arremessado dos ônibus passaram a ocupar o mesmo espaço. Resolvi voltar para casa. Escrever essas impressões. Mantive as cortinas abertas, não sabia por quais caminhos tinha percorrido, não tinha na cabeça uma rota precisa. Talvez devesse ouvir o disco novamente. Não sei. Imprecisões.

Alberto Infante
Chile. Outubro de 2011.